

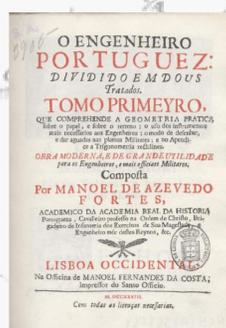
A atuação de José Custódio de Sá e Faria no Rio Grande de São Pedro: perspectivas cartográficas (1756-1777)



Orientador: Fábio Kühn; Autora: Mariana Gama
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



APRESENTAÇÃO



Com a assinatura do Tratado de Madri entre as coroas de Portugal e Espanha em 1750, deu-se início à delimitação territorial da América Meridional. Este trabalho demandava a atuação de profissionais qualificados que, dentro de um contexto de inovações científicas em Portugal promovidas por Manuel de Azevedo Fortes, uti-

lizaram mapas como forma de reconhecer os territórios explorados. Desta forma, esta pesquisa visa examinar o papel da cartografia como possível ferramenta diplomática por parte da Coroa Portuguesa através da produção de José Custódio de Sá e Faria – figura de destaque dentro da engenharia militar portuguesa – elaborada durante o seu período de permanência no Rio Grande de São Pedro.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para o trabalho visa uma análise sob a perspectiva da cartografia histórica, ou mais precisamente, a Nova História da Cartografia. Assim, partindo da ideia de que o mapa é um produto da conjuntura onde se enquadra, tomamos as cartas cartográficas como um “discurso retórico expressivo das relações de força” (OLIVEIRA, 2014), ou seja, passíveis de serem elaboradas de acordo com determinados desígnios políticos. Dessa forma, busca-se depreender o porquê da produção desses mapas situando-os em seus contextos de confecção – neste caso, as disputas entre os Impérios ibéricos pelas fronteiras sul-americanas – bem como atentando para os elementos tanto implícitos quanto explícitos, a fim de desconstruí-los.

OBJETIVOS

- Analisar as técnicas lusas de emprego da cartografia sobre o Rio Grande de São Pedro, elaborada por José Custódio de Sá e Faria entre 1756 e 1777;
- Entender como se deu a utilização desses mapas nas negociações diplomáticas e como forma de reivindicar territórios;
- Compreender como se deu o processo de "apropriação toponímica" dos territórios indígenas no Rio Grande de São Pedro.

RESULTADOS

Embora a pesquisa esteja em sua fase inicial, entre os resultados obtidos até agora, foi possível perceber o uso dos topônimos nos mapas como recurso de afirmação da soberania (KANTOR, 2009) e reivindicação do *uti possidetis*, ou seja, a ideia de que quem ocupa efetivamente um território, tem prioridade na sua posse. Há como observar, portanto, uma substituição da toponímia indígena pela toponímia portuguesa como método de apropriação territorial.



Exemplo Topographico da Costa que se comprehende desde a Ilha de S. Catherina, thê o Cabo de S. Maria, & Rio Prata, thê a Praça Nova Colônia do S. mo Sacram. Tô com o terreno adjacente a mesma Costa. Elevado, e descenhado pelo Brigadeiro Jozê Custódio de Sá e Faria. 1767.



REFERÊNCIAS:

BUENO, Beatriz P. S. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 111-153. jul.-dez. 2009.
FURTADO, Júnia Ferreira. Guerra, diplomacia e mapas: a Guerra da Sucessão Espanhola, o Tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de D'Anville. In: *Topoi*, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 66-83.
GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: Como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos das jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul*. 2ª edição. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: UFRGS, 1999

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. In: *Confins*, 5, 2009.
KANTOR, Iris. Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 39-61 jul.- dez. 2009.
OLIVEIRA, Tiago Kramer de. Desconstruindo mapas, revelando espacializações: reflexões sobre o uso da cartografia em estudos sobre o Brasil colonial. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 34, nº 68, p. 151-174 – 2014.